

José Maria Mendes, colaborador de longa data do 'Notícias de Gouveia', acaba de concluir

Dissertação foi serviço pres

Natural da freguesia de Figueiró da Serra, onde nasceu há 73 anos, José Maria Mendes acaba de concluir a sua licenciatura em História, com a classificação de 17,5, na Universidade Lusófona de Lisboa, instituição na qual foi um aluno de referência.

Antes, a iniciativa de instalar o núcleo museológico em Figueiró da Serra, a pequena obra intitulada '*Figueiró da Serra - Apontamentos sobre a sua História*', a par de uma manifesta preferência por temas históricos enquanto correspondente (de longa data) deste jornal, constituíram sintomas claros de uma verdadeira paixão pela História que somente uma vida profissional intensa impediu de se manifestar.

Bairrista plenamente assumido pela sua terra e pelo seu concelho, defendeu, como dissertação da sua licenciatura, um trabalho que tem por tema '*O desenvolvimento do museu regional português e a sua expressão no concelho de Gouveia. Quatro dos seus museus de referência*', trabalho que, provavelmente, será objecto de novos desenvolvimentos no decorrer da aquisição de diferentes valências.

Como complemento da licenciatura em História terminou, ainda, com classificação semelhante, a licenciatura em Ciência das Religiões (Minor).

De assinalar que foi convidado para fazer parte da ACLUS - Associação da Cultura Lusófona, sediada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e da ACSEL - Associação dos Cientistas Sociais do Espaço Lusófono, com sede na Universidade Lusófona, das quais é já sócio.

Como escreve António Gedeão, "**o sonho comanda a vida**" e José Maria Mendes acaba de transformar um dos seus sonhos em realidade. O NG aproveitou esta oportunidade e foi saber mais sobre este seu colaborador que é também um homem com um percurso de vida notável.

Notícias de Gouveia (N.G.) - Como sintetiza o seu percurso, pessoal e profissional, desde o nascimento em Figueiró da Serra, há 73 anos atrás, até aos dias de hoje?

José Maria Mendes (J.M.M.) - Terminada a instrução primária, no ano de 1948, graças à interferência do Prof. Porfírio do Nascimento, colocado em Figueiró 4 anos antes, e cuja acção foi de uma valia extraordinária para muita gente da minha geração, ingressei no Seminário do Fundão.

Devo confessar que sempre retribui o carinho que este Professor me dedicou enquanto seu aluno, de tal modo que, apesar de haver falecido há anos, uma vez mais não o esqueci na Dissertação da Licenciatura.

O acesso ao liceu, por parte dos filhos da generalidade das famílias rurais daquela época, era completamente impen-sável. Desse modo, fui encaminhado para o Seminário, único estabelecimento de ensino em que a madrinha de baptismo aceitava ajudar-me.

Após a conclusão dos estudos preparatórios, transitei para o Seminário Maior da Guarda.

No final do 2.º Ano do curso de filosofia, estava-se em Junho de 1956, contrariando a vontade de todos, vice-reitor, professores, pároco da aldeia e a generalidade dos conterrâneos de então, deixei o seminário perfeitamente consciente do que fazia. Apesar disso, sempre manifestei a maior gratidão pela formação ali recebida. É interessante referir que António

Champalimaud haveria de dizer-me um dia: "*Mendes, se o tivesse conhecido mais cedo tinha mandado os meus filhos para o seminário!*".

Pouco tempo depois, tomei o caminho de Lisboa, convicto de que a preparação recebida me permitiria conseguir colocação com facilidade. Puro engano! Somente após 15 meses, depois de haver batido a muitas portas em vão, designadamente à do Almirante Henrique Tenreiro, con-segui colocação na Empresa de Cimentos de Leiria (EL), com sede na Rua do Cais de Santarém, com o vencimento de 1.600\$00.

Esse foi o período mais problemático de toda a minha vida. A Mãe morrera em 1951 e em Janeiro de 1957 acontecia o mesmo ao Pai.

A Empresa de Cimentos de Leiria pertencia à Família Sommer e era, na altura do meu ingresso, em Outubro de 1957, dominada por António Champalimaud. Tratava-se de uma empresa de grande prestígio, mãe de um poderoso grupo económico de que se destacavam a Companhia Cimento Tejo, a Companhia de Carvões e Cimentos do Cabo Mondego, a Companhia de Cimentos de Angola, a Companhia de Cimentos de Moçambique, a Siderurgia Nacional, que dava os primeiros passos e, mais tarde engrossado pelo Banco Pinto & Sotto Mayor, empresas seguradoras e outras.

A minha entrada na empresa coincidiu com o agravamento das relações entre António Champalimaud e seu irmão Car-

los, o que levou à aquisição de um edifício na Rua Braamcamp, 7, onde todos os serviços foram instalados em Agosto de 1958.

O meu casamento, em 1960, com uma conterrânea, coincidiu com a introdução dos concursos na empresa. Por força da excelente preparação recebida no seminário fui progredindo naturalmente e ganhando a confiança do Conselho de Administração e dos quadros dirigentes. Em 1966, encontrava-me no Serviço de Contencioso, o mais apetecido da empresa, como sub-chefe de secção.

Aí surgem os primeiros contactos com António Champalimaud.

Entretanto, a situação decorrente do processo judicial, que ficou conhecido como o "Processo da Herança Sommer", agrava-se e obriga António Champalimaud, a abandonar o país, em Fevereiro de 1969, e a fixar residência no México.

A minha vida decorria com uma agradável tranquilidade e estabilidade baseadas numa família solidária quando, em final de Abril desse ano, António Champalimaud, surpreendentemente, comunica à administração da ECL que "*necessita de um secretário mas que só quer o Mendes*".

Com enorme constrangimento, a 9 de Maio, rumo até ao México. Era o início de um período de 4 anos de uma vida intensa, de uma experiência difícil mas extremamente enriquecedora. Conheci, como ninguém, o homem que já era considerado o maior industrial português, um homem possuidor de uma das maiores fortunas da Europa. Tomei contacto com novas gentes e culturas. A minha vida não mais foi a mesma.

Depois de alguns meses de adaptação, bem difíceis por sinal, conseguimos um entendimento perfeito, de tal modo que ele reagia com manifesto desagrado a quem sugeria a minha dispensa por motivos familiares: "*Ou o Mendes, ou ninguém*" respondeu ele um dia a Francisco de Sousa Tavares.

Em Maio de 1970 estamos em Nice, e, em Agosto seguinte, fixamos residência em Paris onde permanecemos até Janeiro de 1971, mês em que regressámos, de novo, ao México.

O "exílio" teve o seu fim em Março de 1973.

A revolução de Abril veio interromper a colaboração. Por motivos familiares optei por não o acompanhar na sua ida para o Brasil.

Pouco tempo depois fui nomeado solicitador da Comarca de Lisboa, profissão que deixara em suspenso aquando da partida para o México.

Continuei a minha actividade na Cimpopor, empresa resultante da nacionalização das empresas cimenteiras portuguesas, onde exerci funções como quadro superior, nos Serviços Jurídicos, até Setembro de 1996. Continuei a exercer a actividade de solicitador que se mostrou altamente gra-

tificante. De salientar a autoria de duas obras sobre sociedades comerciais, editadas pela Livraria Almedina, de Coimbra.

De referir, ainda, que fui, durante cerca de 9 anos, vogal da Comissão de Fiscalização da EPNC, Empresa Pública dos Jornais "Notícias" e "Capital", por nomeação do governo de Mota Pinto.

Em 2006 decidi transferir toda a responsabilidade do Escritório para o filho advogado para me dedicar ao estudo da História.

Devo acrescentar que, como membro da Comissão de Trabalhadores, Delegado Sindical e Presidente do Grupo Desportivo da Cimpopor, fui um activista após o 25 de Abril, com enorme influência na vida da Empresa. A minha acção, em conjunto com a de outros colegas da mesma linha de pensamento, muito contribuiu para que esta empresa não tivesse passado por sobressaltos naquele conturbado período pós 11 de Março.

O gosto pela História e a colaboração com o NG

N.G. - No meio desse vasto e rico percurso, quando se manifestou a sua paixão pela História e por temas históricos?

J.M.M. - Desde muito jovem que sentia curiosidade por conhecer a História da minha aldeia. No Seminário da Guarda tinha como passatempo preferido a leitura de Fernão Lopes. Todas as tardes de domingo dava uma escapadela até à Biblioteca para o fazer. De tal modo que conseguia falar e escrever a linguagem de Fernão Lopes.

Esse gosto foi-se desenvolvendo através da curiosidade que sentia ao examinar alguns documentos antigos como a Bula de Leão XIII direccionada a Figueiró, com uma acção determinante na vontade de instalar o núcleo museológico da aldeia porque fui recolhê-la ao caixote do lixo das obras que então se realizavam na igreja paroquial, facto que, por si próprio, revela uma particular propensão para o estudo da História.

De resto, a construção do núcleo museológico proporcionou a edição da modesta obra '*Figueiró da Serra - Apontamentos sobre a sua História*', com o intuito da obtenção de fundos. Hoje, por certo, o livro, em função dos conhecimentos adquiridos, apresentaria outros atractivos. De salientar que a curiosidade sobre a História de Figueiró me levou a frequentar, desde há muito, os Arquivos da Torre do Tombo.

N.G. - Apesar da actividade intensa que tem marcado a sua vida, há muito que mantém uma colaboração com este jornal, sendo hoje um dos seus mais antigos colaboradores. Quando é que iniciou a sua colaboração com o NG e de que forma é que surgiu essa oportunidade?

J.M.M. - Fui, desde muito jovem, ex-

concluir a sua Licenciatura em História na Universidade Lusófona de Lisboa

Estado à cultura do concelho

tremamente bairrista e interessado pelos assuntos de Figueiró e do concelho. Daí o facto de me haver feito assinante do 'Notícias de Gouveia' por volta de 1960/61.

Recordo-me que, ainda nos tempos do seminário, colaborei, acidentalmente, com o 'Jornal de Gouveia' que, durante algum tempo, conviveu com o 'Notícias de Gouveia'.

Num Verão qualquer procurei, em Gouveia, o velho José Mota a quem sugeri a introdução de uma página cultural no seu jornal. Ele lançou-me o desafio: "Não quer assumir a sua orientação?".

Daí nasceu o 'Almanaque' que semanalmente fazia parte do 'Notícias' até ao momento em que parti para o México. Foi o começo de uma enorme estima por todos os responsáveis que passaram pelo jornal.

Enviei ainda uma correspondência daquele país e após o regresso a Portugal não mais deixei de dar-lhe, sempre que foi possível, toda a minha colaboração, muitas vezes em condições bem precárias.

N.G. - Em que circunstâncias se entrelaçaram o tal gosto pela história e a sua colaboração com o NG?

J.M.M. - Assegurei, durante vários anos, a correspondência de Figueiró da Serra em condições particularmente difíceis. A generalidade dos meus leitores, designadamente os conterrâneos, tinha conhecimento de que residia em Lisboa. Por esse facto e também porque o desenrolar da vida de uma pacata aldeia nem sempre proporcionava matéria suficiente para o noticiário que muitos "exigiam", achei oportuno recorrer, com frequência, a temas históricos, o que, devo confessar, muito contribuiu para o desenvolvimento da minha apetência pela História.

Licenciatura aos 73 anos

N.G. - O que sente uma pessoa que, aos 73 anos de idade, concluiu uma Licenciatura em História com uma classificação de 17,5, tornando-se mesmo num aluno de referência da própria Universidade que frequentou?

J.M.M. - Não é fácil entrar na Universidade aos 70 anos para fazer qualquer curso. Foi necessário pôr de parte hábitos de comodidade, muita força de vontade e espírito de sacrifício. Coloquei algumas interrogações a mim próprio do género: "Terei eu ainda capacidade para responder aos desafios que o Curso, certamente, me vai colocar?"

Depressa me adaptei e percebi que a minha experiência de vida seria um factor valioso para levar por diante a tarefa que me havia proposto. As notas de 17 e 18 surpreenderam-me no primeiro semestre. Depois tornaram-se um hábito. É certo que elas foram fruto de muito trabalho mas tratava-se de um trabalho que me proporcionava enorme prazer.

Neste momento, em que acabei o curso com tão elevada média, não posso dei-

xar de sentir uma natural satisfação por que ultrapassei os limites que faziam parte do meu horizonte no início. Não posso deixar de associar ao êxito os excelentes professores que encontrei na Universidade Lusófona.

N.G. - Para dissertação da sua licenciatura escolheu um tema ligado ao concelho de Gouveia e aos seus museus. Que aspectos destaca desse seu trabalho?



José Maria Mendes falou ao NG, jornal do qual é colaborador de longa data.

J.M.M. - A escolha do tema da dissertação final tornou-se um pouco complicada. Na cadeira de Museologia, a Professora, que conhecia já a existência do núcleo museológico de Figueiró, aconselhou-me a adoptá-lo como tema do trabalho principal. Depois do trabalho concluído, ela deixou o desafio: "É uma boa base para a dissertação da licenciatura". O problema é que dois outros Professores me haviam lançado o repto: Um, os "Índios do Brasil"; outro, um documento inédito sobre a "Carreira da Índia".

Recorri ao bairrismo para justificar a opção pelo tema final que acabou por merecer o acordo de todos.

Trata-se de um trabalho pioneiro e como refiro na dissertação, a opção pelo tema foi feita com a convicção de estar a prestar mais um serviço à cultura local do concelho em que a aldeia se insere.

Com todos os seus defeitos e virtudes, ele ficará como um ponto de partida, um

patamar que se torna necessário desenvolver.

Ele proporcionou-me um conhecimento bastante pormenorizado do tecido museológico do concelho, das suas realidades, dos seus problemas.

Apesar do intenso trabalho da UNESCO nesse sentido, as entidades responsáveis ainda não perceberam a importância deste tipo de museus, que devem ser en-

apoiado das entidades oficiais responsáveis, que se manifesta no alheamento por este tipo de museus. Também são comuns as observações quanto ao pouco empenhamento da Câmara designadamente no incentivo às visitas escolares.

No que concerne à autarquia, estamos em presença de uma quase unanimidade na denúncia de uma falha de visão cultural abrangente que permita um mais profícuo aproveitamento das potencialidades destes pequenos museus no fortalecimento das raízes que ligam os mais jovens aos locais do seu nascimento e na criação de uma consciencialização para os problemas das comunidades em que se inserem.

Esta ausência cultural, esta indiferença apresentam-se como um verdadeiro paradoxo se observarmos a acção, de grande relevância, por ela exercida na instalação da generalidade dos pequenos museus concelhios.

N.G. - Como surgiu a oportunidade de também realizar (e concluir) a Licenciatura em Ciências das Religiões?

J.M.M. - Trata-se de uma Licenciatura Minor que facultou um estudo muito interessante das principais religiões das Civilizações Pré-Clássicas e Clássicas e das monoteístas, para além do Hinduísmo e do Budismo. Apresenta-se como um complemento de extrema utilidade para o estudo da História se considerarmos que a religião acompanha o homem desde os seus primórdios, numa procura constante de refúgio e de justificação para os fenómenos da natureza que ultrapassavam a sua capacidade de compreensão.

Proposta logo no início do Curso, ela foi aceite de bom grado pela maioria dos alunos e correspondeu às expectativas criadas.

N.G. - Ainda em relação à Dissertação da sua Licenciatura, já admitiu que "provavelmente, terá novos desenvolvimentos". Que desenvolvimentos poderão ser esses?

J.M.M. - Os membros do Júri da Dissertação final manifestaram o seu agrado pelo trabalho realizado, referindo que o mesmo poderia servir de base a uma tese de Mestrado, a qual, posteriormente, deveria ser divulgada através da sua publicação.

Vamos ver! De momento, existe ainda alguma indecisão em relação ao que vou fazer. Para já tenho convites para investigar na Universidade Lusófona, onde conclui o Curso, e num Departamento de Investigação sediado na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

De assinalar, também, que fui convidado para fazer parte da ACLUS - Associação da Cultura Lusófona, também com sede na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e da ACSEL - Associação dos Cientistas Sociais do Espaço Lusófono, com sede na Universidade Lusófona, das quais sou já sócio e com as quais vou colaborar. ■